

Considerações acerca da docência: ser professor, um caminho que se faz caminhando¹

Aline Nunes da Rosa²

Resumo

O presente artigo tem por principais objetivos pensar o campo do estágio supervisionado, problematizando e investigando questões decorrentes do projeto desenvolvido na disciplina de Metodologia do Ensino e aplicado entre alunos de Ensino Médio, durante o último semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais, na disciplina Estágio Curricular Supervisionado. O referido estágio foi desenvolvido no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, com uma turma de 34 alunos de primeiro ano, durante cinco semanas, com dois períodos de 50 minutos. No decorrer do processo de tornar-se professor, diferentes situações fizeram-se presentes, conferindo ao estágio uma riqueza de frutos a serem colhidos e experimentados pela primeira vez, configurando tal experiência como algo inusitado e singular.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado; Ensino Médio; Ensino das Artes Visuais.

Abstract

This article is thinking the main objectives of supervised field, problematizing and investigating issues arising from the project developed in the discipline of Methodology for Teaching and implemented between students from high school, during the last half of the course of Master of Arts in discipline Supervised Traineeship. The traineeship was developed in the Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, with a class of 34 students from the first year for five weeks, with two periods of 50 minutes. During the process of becoming a teacher, different situations have been present, giving the traineeship a wealth of results proved for the first time, setting up such experience as something unusual and unique.

Keywords: Supervised Traineeship; High School; teaching the visual arts.

Do início do percurso

Pensamos a prática docente enquanto algo relacionado prioritariamente entre o espaço das quatro paredes, característicos da sala de aula, e ainda, entre os alunos e o professor. Neste espaço, destinado às trocas promovidas entre educandos e estagiário, onde cada um possui expectativas, anseios, necessidades e saberes próprios, uma terceira corrente ganha notoriedade e demonstra sua força: a escola, enquanto uma instituição que exerce um forte poder sobre aqueles que nela se encontram e dela necessitam, e que, por sua vez enfrenta problemas de ordem social e financeira, entre outras particularidades.

¹ Artigo produzido na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado, durante o segundo semestre de 2007.

² Autora do projeto. Bacharel e Licenciada em Artes Visuais. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSM). E-mail: ameline.nr@gmail.com

A questão, no entanto, que surge com certa urgência no âmbito educacional, mais especificamente no campo do estágio curricular é: como as relações entre a escola, os professores e o estagiário (que se encontra em formação inicial) vêm sendo conduzidas?

As falas que serão tecidas neste artigo configuram-se enquanto considerações e impressões acerca de acontecimentos vivenciados durante o estágio desenvolvido entre os meses de outubro e novembro do ano de 2007.

Ao ingressar num curso de licenciatura, o estágio é concebido pelos alunos como algo obrigatório, envolto sob um manto de mistérios e crenças que dizem respeito à educação, às experiências que tivemos enquanto alunos e, em alguns casos enquanto professores (seja quando crianças, sendo professores nas brincadeiras ou desenvolvendo projetos e oficinas). A este respeito, Pimenta (1997, p.42-43) assegura que

Quando os alunos chegam à licenciatura já tem saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos de diferentes professores em toda sua vida escolar (...). Também sabem sobre o ser professor através da experiência socialmente acumulada: as mudanças históricas da profissão, o exercício profissional em diferentes escolas, a não valorização social e financeira dos professores, as dificuldades de estar diante de turmas de crianças e jovens turbulentos, em escolas precárias; sabem um pouco sobre as representações e os estereótipos que a sociedade tem dos professores através dos meios de comunicação.

Neste sentido, é necessário que se pense no aluno em formação como alguém que passa por um grande período de transição: em que deve deixar de ser aluno para assumir o papel de professor. Talvez, mais do que em qualquer outro curso de graduação, os cursos de licenciatura deveriam preparar seus alunos para torná-los capazes de ser bons profissionais dentro do campo da educação, uma vez que ao ingressarem no mercado de trabalho serão responsáveis por ensinar conteúdos e terão a responsabilidade ainda maior de formar crianças, jovens ou adultos, contribuindo de maneira bastante direta nas suas construções de visões de mundo.

No entanto, acredito que, justamente pelas considerações de Pimenta (1997), citadas acima, o aluno em formação encontre inúmeros motivos para considerar a profissão de educador um tanto complexa, uma vez que esta carrega consigo

algumas agruras, estigmas, dificuldades e problemas apontados por pessoas de diferentes meios sócio-culturais.

A respeito da escola e da educação de um modo geral, é comum que muitas pessoas sintam-se capazes de julgar o que deveria ou não ser feito para conferir melhorias a estas realidades. Sobre como ser professor também ouvimos comentários, em geral por já terem vivenciado experiências na escola, muitos se permitem emitir julgamentos a respeito de como o professor deveria ser e se portar diante dos alunos.

Em nossa sociedade, sem exceção, o professor é sempre mártir ou vilão, herói ou bandido, como se existissem apenas o binário, dois lados, dois extremos.

Portanto, quando nos deparamos com a possibilidade real de estarmos numa sala de aula, através do estágio, alguns fantasmas insistem em nos assombrar. O fato de estarmos atuando como 'professores', mas sendo ainda estudantes é bastante contraditório, uma vez que em muitos momentos sentimo-nos testados, avaliados constantemente e, desta forma, ratificamos nossa condição de alunos.

Porém, ao passo que nos inserimos na escola, nos aproximamos de um contexto particular, que tem regras e normas específicas e ainda, pessoas com diferentes comportamentos e objetivos. Desta forma, sentimos como se não fizéssemos parte da escola, uma vez que não somos alunos daquela instituição, nem tampouco somos professores formados e devidamente contratados. Somos apenas estagiários, numa condição transitória e sendo assim, não integramos de fato este espaço.

Ao iniciarmos a proposta do projeto de estágio, é inevitável partirmos de interesses pessoais, assuntos com os quais nos sentimos mais familiarizados ou ainda, temas que gostaríamos de nos aprofundar. Desta forma, elegeu-se o cinema como mote norteador para o trabalho na escola, sobretudo por considerá-lo um tema bastante interessante ao público adolescente.

No entanto, ao partirmos de um tema que nos interessa, acabamos quase inevitavelmente, direcionando as ações de trabalho, uma vez que sempre tentamos levar aos educandos propostas de nossa preferência, de acordo com nossos gostos pessoais. De fato, esta tarefa torna-se ainda mais árdua se considerarmos o fato de

que, enquanto estagiários, desconhecemos o verdadeiro contexto da escola, nossos colegas de trabalho e principalmente, nossos alunos.

Ao desenvolvermos o projeto estamos imersos em suposições, problematizamos situações que possivelmente podem surgir, pensamos os alunos através dos olhos de outras pessoas, de colegas que já passaram ou passam por situações semelhantes, pela convivência com familiares que estão na escola ou mesmo pelas nossas vivências em tempos de escola. Nestes casos é inevitável pensarmos nos professores que tivemos e no professor que queremos ser.

Pensando nisso, ao começar o estágio, foi necessário reconsiderar certos objetivos anteriormente propostos, avaliar as reais necessidades e interesses dos alunos. O projeto inicialmente objetivava fomentar o interesse por filmes de diferentes nacionalidades, suscitar nos educandos a descoberta por novas possibilidades em se tratando de cinema, uma vez que é conhecida a preferência por filmes norte-americanos.

A questão, no entanto é, se estamos buscando um ensino que priorize as relações dialógicas entre alunos e professores, se o enfoque da educação que objetivamos construir é dar espaço para que os alunos exerçam sua liberdade de criação e expressão, fazendo com que cada um sinta-se responsável nos processos de ensino/aprendizagem, como então, trabalhar sobre planejamentos e planos de aula que contemplem somente aquilo que o professor teve em mente ao fazê-los? Constatei, de maneira não intencional, que estava sendo tão ditatorial e inflexível quanto os demais professores que já possuem anos de docência e não escutam mais seus alunos. A este respeito, Hernández (2005, p. 26) comenta que

(...) a formação docente (tanto a inicial como a continuada) necessita ser revisada se pretendemos estabelecer um diálogo permanente entre o que acontece fora da escola (como instituição de formação que passa desde a educação infantil até a universidade), às mudanças na organização dos saberes, nas representações simbólicas, nas formas de trabalho, nas comunicações e na atuação dos docentes em aula.

Pensando nisso, após ter o primeiro contato com os alunos da turma onde se realizou o estágio, foi necessário um exercício imprescindível para o bom andamento das aulas seguintes: revisar os planos de aula anteriormente

executados levando em conta agora aspectos antes ignorados, pensando em filmes e artistas que fossem mais próximos daquele contexto tão específico dos alunos a fim de, desta forma, talvez tornar um pouco mais carregada de sentidos e relevância para os educandos as aulas de Artes Visuais.

Não raro, escutamos de alunos e professores de outras áreas de conhecimento, que a disciplina de Artes Visuais não tem muita importância para a vida dos alunos, a menos que algum tenha interesses futuros na profissão. Todavia, tais pessoas integram uma parcela (significativa) de indivíduos que reconhecem a disciplina de Artes Visuais como sendo fundamentalmente prática e pautada em premissas decorativistas. Franz (2003, p.1) considera que

O problema consiste no fato de que os professores são desafiados a ensinar aos seus alunos algo que muitas vezes eles próprios não compreendem, o que é também resultado das históricas barreiras criadas entorno deste campo, assim como da crença de que ao professor de arte cabe apenas ensinar crianças a desenhar, pintar, cantar e encenar.

No entanto, a disciplina de Artes Visuais na escola busca fomentar nos educandos uma postura reflexiva a respeito do mundo, mais especificamente das imagens que o cercam, através de exercícios de leitura e compreensão crítica sobre tais imagens. Ainda de acordo com os apontamentos de Franz (2003, p. 1), que por sua vez utiliza-se também das concepções de Gadotti (2002), pode-se acrescentar que

É comum ouvir alguém dizer que a crítica de arte é coisa de críticos ou historiadores, mas, uma vez que a obra de arte passa a ser central como objeto de estudos também nas escolas, emitir julgamentos críticos e ensinar a pensar criticamente sobre obras de arte é também papel do educador, levando em conta que a crítica no contexto educativo tem um sentido mais amplo do que no trabalho dos críticos propriamente ditos, no qual a crítica é dirigida ao sistema de arte (...). Na perspectiva que esta reflexão segue, a crítica de arte na escola está conectada com as finalidades da educação pós-moderna, que é emancipatória, multicultural e intimamente ligada com a cultura. (GADOTTI, 2002 *apud* FRANZ, 2003, p. 1)

Pensando em trabalhar de maneira a despertar toda a potencialidade crítico-reflexiva dos alunos, foi proposta a exibição do filme alemão "The Edukators – Os

Educadores”, por tratar de questões pertinentes a uma realidade sócio-cultural bastante semelhante à nossa, além das questões estéticas, uma vez que o filme apresenta características formais distintas aos filmes comumente assistidos pelos adolescentes e ainda, para investigar qual seria o posicionamento dos alunos quanto aos objetivos gerais do projeto. Paralelamente à exibição, foi entregue aos alunos um questionário a respeito de pontos que deveriam ser observados durante o filme e comentados posteriormente.

Os alunos assistiram ao filme de modo bastante receptivo, despidos de reações pré-conceituosas ou intolerantes, uma vez que esta não era uma super produção, com atores-estrela de Hollywood ou com efeitos especiais, ambos freqüentes chamarizes de bilheteria.

Assim, no momento destinado ao debate acerca do filme, norteados pelas questões, os alunos apesar de tímidos e reservados, interagiram e manifestaram suas idéias e opiniões a respeito de uma das principais questões levantadas pelo filme: a luta pelos ideais. Paralelamente ao debate do filme, foram levantadas questões concernentes às Artes Visuais, mais especificamente, à Arte Contemporânea de modo a trazer aos alunos um maior conhecimento e compreensão a respeito das propostas dos artistas na atualidade.

Os alunos demonstraram que entre eles e a Arte Contemporânea existe uma lacuna considerável, em que o desconhecimento leva-os à ignorância e a concepções superficiais e simplistas em relação à Arte, sendo preciso um acompanhamento mais longo e mais efetivo, a fim de encurtar tais distanciamentos.

Durante o processo de levar aos alunos diferentes olhares e concepções acerca do mundo, através de artistas e obras que suscitasse e problematizasse questões de ordem social, moral, estética, em conjunto com os elementos contidos no filme *Edukators*, foi iniciada uma espécie de processo de desacomodação, rumo ao rompimento de padrões de estabilidade e rotina.

Desta forma, enquanto acreditava-se estar colaborando com os processos emancipatórios de cada aluno e, por sua vez, enquanto era construída uma identidade docente em Artes Visuais, um incidente com dois professores efetivos da escola provocou a interrupção do estágio em questão. Os professores da escola interromperam a execução de uma intervenção que era realizada pelos alunos nas

dependências da escola, sendo que estes (professores) não apenas questionaram a proposta que era trabalhada, como também colocaram à prova a autoridade da professora estagiária perante os alunos da turma e demais alunos da escola.

Neste caso, pode-se dizer que o professor, acossado, envergonhado e oprimido diariamente, procura formas de suprir suas carências através de abusos, castigos e punições sobre aqueles que são teoricamente mais fracos: os alunos e, neste caso, o estagiário.

Sendo assim, em nome da escolha profissional e do papel exercido naquele momento, isto é, o papel de estagiária, numa escola pública, que por sua vez é amparada por uma universidade federal, senti-me compelida a pensar verdadeiramente o papel do estagiário na escola, independentemente de seu curso de origem.

Antes do ingresso na escola, o aluno é devidamente acompanhado pelo orientador de estágio, que exerce papel fundamental na formação docente, posto que confere segurança, respaldo, suporte e acompanha todas as ações, planos de aula e demais acontecimentos na sala de aula e na escola.

Destarte, o orientador de estágio aponta alguns encaminhamentos que devem ser providenciados antes da inserção na escola. Toma-se conhecimento de responsabilidades que deverão ser assumidas a fim de conferir à escola um maior comprometimento por parte do estagiário para com o trabalho a ser desenvolvido. Assim, é de suma importância que a escola e o professor titular da disciplina tomem conhecimento do projeto e das propostas de ação pedagógica a serem realizadas pelo estagiário, a fim de acompanhar o trabalho que será desenvolvido com seus alunos.

São recebidas orientações a respeito de reuniões, das aulas no sábado para recuperação de feriados, dos conselhos de classe, de assinaturas em um livro ponto com horários de entrada e saída, entre outros compromissos que fazem parte da profissão de professor e que se estendem ao estagiário. Assume-se um compromisso com os alunos e a escola, porém, nem sempre a escola que recebe o estagiário o faz somente com intenções de colaborar com esta etapa formativa fundamental.

Não raro, os professores titulares esperam pelos estagiários como quem espera por férias antecipadas, interpretam esta oportunidade como um descanso, um alívio em meio à turbulência das aulas, dos alunos barulhentos. Sabe-se que, historicamente, as salas de aula têm cada vez mais alunos e que em consequência disto o atendimento individualizado para cada estudante torna-se pouco freqüente, quando não inexistente. Além disso, aliado ao fato das classes superlotadas, normalmente é contratado apenas um professor por disciplina, ficando este responsável por todas as turmas da escola. Sobre a prática do ensino, Porlán e Martín (1997, p. 5) nos falam:

La enseñanza es una actividad que tiene lugar en un contexto institucional, jerarquizado y con diferentes niveles de decisión: el aula, el centro y el conjunto del sistema educativo. En este contexto, que refleja valores, creencias y formas de actuación prototípicas del sistema social, los profesores suelen interiorizar, de manera no reflexionada, unas determinadas conductas profesionales mayoritarias que se resumen básicamente en lo siguiente: mantener el orden en la clase, explicar verbalmente contenidos, calificar a los alumnos y utilizar el libro de texto como recurso didáctico fundamental.

Conseqüentemente, o professor diz não ter tempo para preparar aulas consistentes para cada uma das turmas, fazendo-se ainda mais escasso o tempo destinado à pesquisa, seja do conteúdo específico da disciplina, seja da própria prática docente. Sobrecarregado e acomodado, o professor utiliza-se dos mesmos recursos, dos mesmos referenciais de anos atrás e, portanto sente-se aliviado diante da possibilidade de ter um estagiário que assumira uma de suas turmas.

No entanto, cabe perguntar-nos: qual o papel do estagiário para a escola? Será o de um "quebra-galho", que assume praticamente todas as funções (inclusive burocráticas) de um professor efetivo, mas que em contrapartida não tem liberdade para desenvolver suas propostas junto aos alunos?

Ainda, em determinadas situações, o estagiário é tratado como um aluno inexperiente, ingênuo, que "por mostrar muito os dentes" (durante o tempo de estágio, alguns professores e funcionários proferiram tal comentário, insinuando que os estagiários "mostram muito os dentes" para os alunos) pode ser considerado fraco e de pouca credibilidade perante a turma de alunos. Porém, a curta experiência permite-me dizer que os alunos precisam de mais professores que "mostrem os dentes" e não as "carrancas"; precisam de professores que em

certos momentos ousem admitir desconhecer certas respostas e demonstrem menos certezas e convicções, surpreendendo-se com as descobertas que poderão fazer junto a seus alunos.

Em pouco tempo como professora de Artes Visuais, recebi dos alunos muito mais do que esperava, posto que o que mais desejava era que estes fossem participativos, atuantes nas propostas e debates gerados, que manifestassem suas idéias, enfim, alunos que se posicionassem criticamente perante os conteúdos da disciplina. De fato, foi um privilégio ter alunos com todas essas características, porém, acredito que foi de grande importância que eles soubessem o quanto eram capazes e possuidores de tais potencialidades. É preciso que os educandos tomem consciência do poder que exercem na construção da realidade e isto tudo tornou-se possível através das propostas de aula, com a apresentação de artistas e obras que, de alguma forma, buscam alterar a normalidade cotidiana, retirando-nos da inércia provocada pelo hábito.

A seguir, algumas imagens de obras trabalhadas durante as aulas:



Figuras 01 e 02: Obras dos artistas Christo e Jeanne Claude, respectivamente: "Ilhas contornadas", 1980-1983; "Reischstag embrulhado", Berlim, 1971-1995

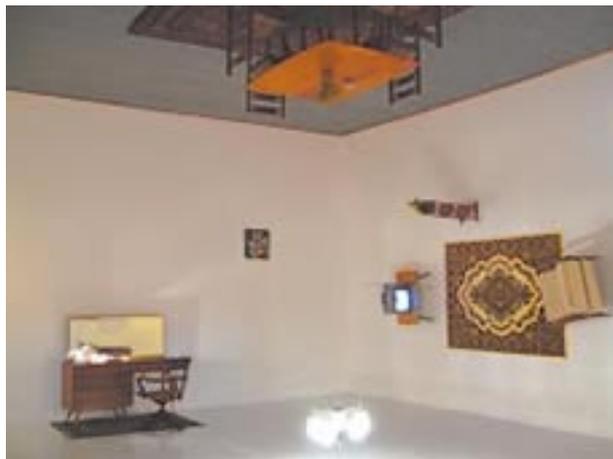


Figura 03: Obra do artista Jaroslaw Kozlowski, "Sala da Gravidade", 2006

Através de leituras de imagem, tanto de obras de arte quanto do filme exibido, foi possível gerar nos alunos um movimento de inquietação, de (re) pensar e (re) significar a realidade, alterando o *status quo*, o habitual, inclusive por gerar questionamentos sobre a normatividade e demais regras de conduta criadas e impostas pela escola.

Conferindo novos ares ao percurso docente

Contudo, ao tomar a decisão, conjuntamente com a professora orientadora, de interromper o estágio, foi necessário imbuir-me de uma dose de coragem e desprendimento, pois, contrariando todos os medos e receios que se tem ao entrar em sala de aula, desde o primeiro dia fui acometida por um sentimento de afeição e responsabilidade por cada um dos alunos que estava conhecendo.

Além disso, foi preciso situar os alunos diante da situação. Era preciso fazer com que compreendessem que a decisão de deixar a escola abruptamente vinha ao encontro de tudo o que estava sendo construído com eles, pois dizia respeito a toda desestabilização, a toda a resignificação, mudança e questionamento da realidade que estava sendo proposto pela disciplina. No entanto, esta foi uma oportunidade de, enquanto aluna-estagiária, professor em formação, posicionar-me criticamente perante a realidade que se apresenta no âmbito educacional, nas relações de autoridade e hierarquia que se fazem tão marcantes nas instituições escolares.

Faz-se cada vez mais urgente, portanto, mostrarmos para a escola a relevância e seriedade do trabalho desenvolvido por alunos em formação inicial, sendo estes responsáveis pelas mudanças e renovações ocorridas na educação básica e sendo

justamente devido ao estagiário e aos professores com formação recente que a escola ganha novos ares, libertando-se do mofo instaurado com o tempo e que tenta insistentemente impregnar os alunos. Neste caso, as considerações de Hernández (2005, p.39-40) contribuem com nossos inquietantes desejos de transformação

(...) a interpretação da direção da mudança tem muitas versões e depende, em boa medida, da visão dos sujeitos e da sociedade que tem quem a propõe. O professor, no espaço que hoje se encontra, o primeiro que poderia fazer é pensar no papel que quer exercer nesta história e não esquecer que há uma esfera que lhe é própria e é a da relação que pode construir com seus alunos. Partindo disto, e assumindo que o trabalho docente não é individual, mas deve caminhar rumo a projetos compartilhados, deveria escolher o caminho que hoje pode construir com os estudantes, com seus colegas e a comunidade.

Destarte, o caminho que se deseja trilhar é aquele que possa ser enriquecedor, em cada ponto do trajeto, onde o caminhante seja surpreendido por diferentes acontecimentos, estabelecendo e fortalecendo vínculos e laços, deixando marcas indeléveis por onde passa. Assim, é o que esperamos da escola, que seja uma experiência que deixe boas lembranças, que crie pontes, agregue e compartilhe saberes e vivências entre todos aqueles que por ela passam.

Referências Bibliográficas

FRANZ, Teresinha Sueli. O que Significa Interpretar Criticamente uma Obra de Arte. *In Revista Pátio*, Porto Alegre: Artes Médicas. Nº 28. Novembro de 2003.

HERNANDÉZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: editora da UFSM, 2005. pp. 21-42.

INGO, Walther F. **Arte do Século XX: pintura, escultura, novos media, fotografia**. Editora Taschen, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. "A didática como mediação na construção da identidade do professor: uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura". *In*: ANDRE,

M.E.D.A.; OLIVEIRA, M.R.N. (orgs.). **Alternativas no ensino da Didática**. Campinas: Ed. Papirus, 1997. pp. 37-69.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El diario del profesor**: un recurso para la investigación en aula. Sevilla: editora Díada, 1997.